

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

MORGANA MOURA CHAGAS

**HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E OS MODOS DE RELAÇÕES
FAMILIARES NO CONTEXTO DE UMA CIDADE**

**PATOS DE MINAS
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

MORGANA MOURA CHAGAS

**HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E OS MODOS DE RELAÇÕES
FAMILIARES NO CONTEXTO DE UMA CIDADE**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior

**PATOS DE MINAS
2018**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

MORGANA MOURA CHAGAS

**HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E OS MODOS DE RELAÇÕES
FAMILIARES NO CONTEXTO DE UMA CIDADE**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 25 de
junho de 2018.

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Prof. Esp. Lúcio Campos Borges
Universidade de Franca

DEDICO a todas as pessoas *trans*, aos profissionais da área da saúde, aos professores, a todas as famílias e a todos que vivenciam ou que trabalham nessa área.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Agradeço à minha família por sua capacidade de acreditar em mim e investir em mim, principalmente ao meu marido, Eduardo Veleiro Garcia, pessoa com quem amo partilhar a vida, com você tenho me sentido mais viva de verdade, obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre. Agradeço imensamente ao nosso filho, Alexandre Moura que embora não tivessem conhecimento disto, iluminou de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos e também a nossa princesinha Ainara que vem trazendo ainda mais felicidade em nossas vidas.

Agradeço aos meus amigos pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas, com vocês as pausas entre um parágrafo e outro de produção fizeram tudo ficar melhor.

Agradeço ao meu professor orientador, Gilmar Antoniassi Junior, que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho, ensinando-me e mostrando-me o quanto estudar é bom.

Agradeço a todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço aos meus colegas e as pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos que agregou novas experiências de produções compartilhadas, tendo o privilégio de levar algumas como amigas, foi uma das melhores vivências da minha formação acadêmica.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, fazendo minha vida valer cada vez mais a pena.

Tem o certo, tem o errado e tem todo o resto.

Cazuza

HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E OS MODOS DE RELAÇÕES FAMILIARES NO CONTEXTO DE UMA CIDADE

LIFE STORIES OF TRANSVESTITES AND THE TYPES OF FAMILY RELATIONSHIPS IN THE CONTEXT OF A CITY

Morgana Moura Chagas ¹

Gilmar Antoniassi Junior²

RESUMO

O objetivo do estudo é ilustrar nas histórias de vidas das Travestis, os modos de relações familiares aos quais estão inseridas no contexto de uma cidade. O método empregado no estudo é do tipo qualitativo transversal de natureza exploratória, realizado com as travestis em exposição à vida nas ruas, em uma cidade da região do Alto Paranaíba, estado de Minas Gerais, Brasil. A seleção da amostra ocorre de forma linear por meio da técnica bola de neve, resultante na participação de três travestis. Como instrumento de pesquisa utilizou-se da Entrevista de História de Oral. As entrevistas foram transcritas literalmente, sendo retirada a fala do entrevistador e o texto transcrito corrido narrativo, e analisadas por meio de codificação dos dados. Os resultados apontam para o processo de travestilidade teve início logo na adolescência sem apoio familiar e com uso de hormônio sem acompanhamento médico. A prostituição nas ruas foi a única alternativa de sobrevivência financeira e trabalho. No que refere aos modos de relações familiares identificou-se uma combinação de família monoparental e reconstruídas, tradicionais, com aspectos de rigidez, permissividade, superproteção, sem objetivos e instáveis, demonstrando insatisfações com o a falta de acolhimento, exposta a violência física em alguns momentos. Entretanto, todas têm como futuro o desejo de deixar as ruas e a prostituição e adquirir um novo emprego. Conclui-se que, a família seja qual for os modos de relação é o principal ator em oferecer acolhimento e suporte as pessoas, tornando-se um fator de proteção e/ou risco. A travestilidade é uma descoberta ao longo do desenvolvimento em relação a identidade e jeito de ser socialmente, e nem sempre um desejo de readequação do genital. A vulnerabilidade da prostituição as expõe e as estigmatizam perante a sociedade que não oferecem abertura no mercado de trabalho, pois o desejo de abandonar a prostituição é evidente, mas as oportunidades se extinguem.

Palavras-chave: Travestis. Família. Vulnerabilidade. Prostituição.

¹Graduanda em Psicologia, pela Faculdade Patos de Minas (FPM). morganamoura@hotmail.com.

² Doutorando em Promoção de Saúde e Mestre em Promoção de Saúde, pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Docente DPGPSI-FPM. jrantiassi@hotmail.com.

ABSTRACT

The aim of this study is to illustrate the types of family relationships in the lives of transvestites which are inserted in the context of a city. The method used in the study is of a qualitative, transversal and exploratory nature, carried out with transvestites in a situation of exposure to life on the streets in a city in the region of Alto Paranaíba, in the Minas Gerais state, Brazil. The selection of the sample occurred linearly through the snowball technique, resulting in the participation of three transvestites. As a research tool, the life story interview was used. The interviews were transcribed literally and analysed through data codification. The results indicate that the process of transvestism began as early as adolescence without family support and with the use of hormones without any medical assistance. Prostitution on the streets was the only alternative of financial survival. Regarding family relationships various types have been identified, a combination of single-parent and reconstructed families, traditional families with aspects of permissiveness, strictness and overprotection, unstable families without goals. Therefore, dissatisfaction with the lack of acceptance is generated by the transvestites who are sometimes even exposed to physical violence. However, everyone has the desire to get a new job and leave the streets and prostitution in the future. It is concluded that the family, regardless of the type of relationship, is the main player in offering acceptance and support, becoming a factor of protection and/or risk. Transvestism is a developmental discovery in relation to its identity and its way of being socially, and not always a desire for genital change. The vulnerability of prostitution exposes and stigmatizes them before society and does not offer any openings in the job market, since the desire to abandon prostitution is evident but the opportunities are extinguished.

Keywords: Transvestites. Family. Vulnerability. Prostitution.

1 INTRODUÇÃO

A família é socialmente aquela que promete cuidado e proteção; nela se ensina que a única forma de realização pessoal é a partir da continuidade a uma ordem heterossexual, fazendo qualquer desvio ser visto de forma pejorativa, proporcionado ao sujeito 'desviado' uma nova análise em sua vida afetivo-sexual; desse modo, para as travestis, o abandono vivenciado torna-se parte de sua realidade como uma marca de nascimento, algo naturalizado (Bento, 2012; Kulick, 2008).

Atualmente vivenciam-se uma ordem social heteronormativa, aquela em que a família como consequência histórica naturalizou o padrão o sexo biológico para a reprodução (Guzmán & Bello, 2015), assim, diversas instituições reproduzem esse sistema, e que a partir do momento que começam as transformações e modificações das travestis em seus corpos, a família nuclear não proporcionam laços afetivos,

essas buscam a saída precoce desse ambiente, evitando a violência que começa a fazer parte de suas vidas, não somente em momentos específicos, dando início a interferências diretamente em todas as relações afetivas e em sua condição de saúde.

O modelo familiar se define por sua estrutura e dinâmica global, a partir de suas características específicas, pela tipologia de relação conjugal entre os pares e pelo tipo de relação parental (Caniço, Carvalho, Bairrada, & Rodríguez, 2010). É na família que os vínculos sociais ocorrem a partir da relação estabelecida com o núcleo familiar que representa a matriz de identidade que envolve gerações, diante da função reguladora e suporte para superação dos conflitos (Gonçalves e Antoniassi Junior, 2017).

As travestis, ao abandonarem seus lares, acabam iniciando um ciclo de vulnerabilidade social em que o acesso à integração social (trabalho, lazer, educação, vivência geral da cidadania) pode ser de difícil acesso para elas, e como consequência, a prostituição, o uso de drogas e a falta de cuidados com a saúde no geral torna se parte da vida delas.

Culturalmente, a elucidação sexual tem sido imposta como forma natural de ser pertencente a uma ordem binária – masculino e feminino –, contudo ser homem ou mulher não se limita à condição exclusiva dos órgãos genitais, uma vez que envolve as representações sociais expostas no papel de ser masculino ou feminino, sendo que essa característica se revela na harmonia entre o corpo biológico e o corpo social. Cotidianamente, as pessoas tendem a romper-se com a possibilidade diversa do sujeito encontrar-se o ponto harmônico do corpo biológico e o social, como é o caso das travestis e transexuais. As travestis são pessoas que vivenciam papéis opostos ao seu genital de nascença, portanto não se reconhecem como homem ou mulher, entendendo-se como integrantes de um não gênero (Jesus, 2012).

A representação de homem e mulher não faz sentido na vida das travestis, pois sua identidade de gênero não é modelada pelo seu genital. Este não se traduz em uma problemática, ao contrário, é aceito, mas a forma de exposição social que sai do padrão de heterossexualidade imposto pela sociedade, por meio da construção de um corpo afeminado, e o desejo pelo mesmo genital deixam as travestis mais propensas à exclusão e à vulnerabilidade em todos os setores da sociedade (Nogueira, Aquino, & Cabral, 2017).

Na contemporaneidade, o sistema vigente da heteronormatividade acaba por exiliar a população que se desvia, tornando a requisição dos direitos, até mesmos os

civis, como uma prática quase impossível, expondo esses indivíduos à violência e à marginalização (Oliveira Neto & Vieira, 2013). Na busca por um reconhecimento perante a sociedade, as travestis fazem a troca de nome, deixando de lado o nome masculinizado, e adquirem uma nova identidade por meio do nome social (Jesus, 2012).

A transformação corporal vivida intensamente pelas travestis na busca por um corpo mais feminino – a saber, a utilização de hormônios para dar forma ao corpo, afinar a voz e diminuir os pelos – põe a saúde em risco devido ao uso indiscriminado do silicone industrial, prática comum entre tais pessoas (Davi, Bruns, & Santos, 2010).

Entretanto, é importante salientar que nem todas as travestis têm o desejo de tomar-se do corpo feminino por inteiro, sujeitando-se, pois, a mudanças estereotipadas; para que isso ocorra, basta que se trajem como mulher no que tange a cabelo, maquiagem e outros trejeitos sociais femininos. Desse modo, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. Até agosto de 2017 foram 97 travestis assassinados e a cada 48h uma pessoa trans é assassinada, segundo dados revelados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2017).

Por conseguinte, o primeiro contato de uma travesti com sociedade é a violência, evidenciando a vulnerabilidade vivida por essas pessoas em todos os seguimentos sociais. O preconceito com as diferentes formas de expressão da sexualidade causa despreparo na atenção à saúde, ao amparo social, aos direitos políticos e civis, obrigando as travestis a buscarem uma nova forma de vida, exilando-se da realidade. Daí a dificuldade que tais pessoas têm de se inserirem em relações formais de saúde, educação, emprego, entre outras; em sua maioria, as travestis veem a vulnerabilidade da prostituição como sustento e autoafirmação, apesar dos riscos que afetam sua condição de bem-estar físico, psíquico e social (Peres, 2011).

A dificuldade do acesso a serviços básicos de saúde e educação, em função do preconceito sobressaído nas atitudes interpessoais e os familiares acabam por se tornarem conflituosas e restritas o círculo de convivência e oportunidades. Suscitando no déficit do conhecimento e se exilando na vida de vulnerabilidade. Reforçando a informalidade, a prostituição e expondo ao risco das drogas e da violência, além de tornar comum a associação do travesti à marginalidade, à criminalidade e a comportamentos estereotipados, em razão da vida corrente da prostituição (Vasconcellos, 2014).

Estar no mercado de trabalho atuando significa participar da sociedade, pertencer a um grupo, todavia as travestis encontram barreiras sociais que as deixam sem apoio; portanto, para que pertençam a um grupo e para que se sustentem, resta como opção a ida para a rua e o trabalho na prostituição, o que as expõe a risco, tanto físico quanto mental. Vivendo em ambientes insalubres, em função da vida nas ruas – devido à exclusão do entorno familiar –, as travestis se transformam em profissionais do sexo. Por vezes, sofrem com o preconceito e, abandonando sua origem, saem de sua cidade natal e emigram para fora do país na perspectiva de melhores condições de vida (Amorim, Vieira, & Brancaleoni, 2013).

O fato de abandonarem suas origens não as exime da vida libertina, na qual as travestis consideram a prostituição como um trabalho, intitulando-se como profissionais, até utilizando termos como 'batalha' para designar a luta vivenciada diariamente a fim conseguir o sustento. Na saída para a 'batalha', o serviço que irão prestar é chamado de programa.

No Brasil, as travestis começaram a ir para a rua em maior número nos anos 70 com o surgimento dos hormônios e, mais adiante, de técnicas para implantes de silicone, elas se espalharam nas grandes cidades do Sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro. Porém, foi somente depois da ditadura militar em meados dos anos 80, que as travestis deixaram de ser presas por estarem à margem das ruas, podendo circular livremente (Kulick, 2008).

A rua não é o lugar onde as travestis vão encontrar seu sustento; nela também encontram amizades e afeto, além de se depararem com a violência, à qual são diariamente expostas.

Segundo Braga (2010), a rua é onde a travesti trilha seu próprio caminho de acordo com as situações em que está inserida; o estar ali presente contribui para que vivam todos os dias novas experiências e aprendizados, positivos ou negativos. Há de se lembrar que a rua é lugar público, mas os comportamentos que fogem do padrão heteronormativo estabelecido culturalmente são criticados e excluídos do meio social dito normal

A exclusão pode levar à violência. Em 2016, um estudo realizado pela Rede Trans Brasil constatou que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, de forma fria e cruel, tornando-as vítimas de um sistema opressor preconceituoso (Nogueira, Aquino, & Cabral, 2017).

A constante transformação vivenciada pelas travestis acarreta imersão no preconceito e exclusão social, os quais, muitas vezes, têm início no âmbito familiar; conseqüentemente, aspectos que são de grande importância para a formação de uma identidade são usurpados de tais, deixando como alternativa a procura por novas identificações familiares em outros ambientes, aumentando a exposição a situações de vulnerabilidade, em função da vida nas ruas (Jacewicz, 2011).

Nesse sentido, as experiências de medo, abandono e preconceito vivenciadas pelas travestis proporcionam a imersão no uso abusivo de substâncias psicoativas, como defesa para uma vida marcada por discriminação, baixa autoestima e falta de pertencimento social, gerando a dependência química.

O abuso das drogas decorre de várias situações, como o abandono familiar, a falta e a carência de pertencer à sociedade, a exclusão a que são submetidas nas ruas e a falta de oportunidade – motivada pelo vazio que é sentido por estarem perdidas em um lugar não reconhecido como seu e por viverem na rua prostituindo-se.

A família culturalmente estabelecida como patriarcal e heterogênea, nos moldes da sociedade, ao deparar-se com um de seus membros fugindo do padrão, a fim de estabelecer a “normalidade”, afugenta todos os resquícios de desordem, abandonando assim esse integrante a uma vida de incerteza. A travestilidade passa a ser um ponto crucial na ruptura familiar; a aceitação por parte dos demais, em olhar a travestis como uma mulher, é algo extremamente dificultoso, pois vai contra os tais princípios morais (Dias et al., 2015).

A situação de vulnerabilidade é amplificada a partir da não aceitação primeiramente por parte dos membros familiares, o que dá início a uma vida marcada por violência e exclusões. A família é importante para o desenvolvimento da identidade, e, sem ela, as travestis se estabelecem precariamente no meio social, sem muitas escolhas de caminhos a serem trilhados ou seguidos, marginalizadas e tendo como única alternativa irem para a rua buscando, sem apoio, uma forma de sobrevivência em um mundo subalterno, ditador de normas preconcebidas (Jacewicz, 2011).

A ruptura com a família contribui para uma ressignificação dos valores constituídos, e alianças afetivas encontradas em outro meio reproduzem as relações interparietais, surgindo assim novas configurações de família (Dias et al., 2015). O estudo se justifica tendo em vista os relatos de vida e as relações familiares que as

travestis em situação de risco nas ruas têm vivenciado, além do tipo de família em que estão inseridas. De acordo com estudo feito no Rio Grande do Sul, as agressões começam no contexto familiar nuclear, fazendo as travestis abandonarem precocemente esse ambiente, construindo novos laços, principalmente com outras travestis (Souza, Malvasi, Signorell, & Pereira, 2015). O objetivo do estudo é ilustrar nas histórias de vidas das Travestis, os modos de relações familiares aos quais estão inseridas no contexto de uma cidade.

2 MÉTODO

O presente trabalho é do tipo qualitativo transversal de natureza exploratória. Foi realizado com as travestis em exposição à vida nas ruas, em uma cidade da região do Alto Paranaíba, estado de Minas Gerais, Brasil. Foram inclusas no estudo as travestis maiores de 18 anos as quais já estiveram e/ou estejam em situação de exposição às ruas. Foram excluídas aquelas que não corresponderem aos critérios de inclusão, e não se dispuseram a serem entrevistadas. O estudo atendeu-se aos princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Faculdade Patos de Minas (FPM), aprovado sob o Parecer nº 2.439.283 (Anexo – A).

A seleção da amostra ocorreu de forma linear não probabilística, por meio da técnica bola de neve, em visita aos locais nos quais, sabidamente, as travestis se encontram para atividade rotineira nas ruas; quando uma travesti se dispôs a ser entrevistada foi solicitada a recomendação de outra travesti, garantindo o ritmo linear. Resultante na participação de *três* travestis. A escolha deste método deu-se ao escopo da dificuldade de acesso a esta população devido os critérios de inclusão por serem menos acessíveis, havendo assim a necessidade de recomendação.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se da Entrevista de História Oral por ser um método investigativo científico que proporciona a aproximação do objeto de estudo por meio do relato do sujeito que é ou vivenciou tal situação, principalmente daquele que é marginalizado, trazendo para a ciência sua visão de história de vida, que é única. Na qual traz a ciência o modo inseparável de estudo entre questões objetivas e subjetivas da amostra pesquisada. Essa forma de abordagem tem sido valorizada, uma vez que trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e

permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente (Gonçalves & Lisboa, 2007). O roteiro para entrevista (Apêndice - A) se divide em 5 abordagens: 1. *Identificação do sujeito de estudo*; 2. *História da infância - adolescência - e sexualidade*; 3. *A vulnerabilidade das ruas*; 4. *A Família*; e 5. *O futuro*.

Primeiramente foi realizado um mapeamento da região onde as travestis se encontram trabalhando na rua. Posteriormente, foi feito o contato para convidar a possível primeira participante, disposta a participar do estudo narrando sua história de vida; foi explicado o objetivo da pesquisa e a possibilidade de poder indicar outra travesti a participar, mantendo assim a mesma descrição e cuidado com a participante.

Feito o contato obtendo o seu consentimento, foi marcado um encontro para realizar a entrevista. Os encontros ocorreram nas residências das participantes, em comum acordo. Primeiramente foi lido e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice – B), e logo em seguida, iniciado a conversa. As conversas com as participantes duraram em média duas horas para cada encontro.

É importante salientar que, no momento da conversa, garantiu-se a liberdade para as participantes fazerem as relações e reflexões as quais desejassem, não necessariamente seguindo a ordem das perguntas, não havendo limites de encontros e duração, mas sim a garantia de não haver dúvidas em relação aos dados relatados.

As entrevistas foram transcritas literalmente (Apêndice – C), sendo retirada a fala do entrevistador e o texto transcrito corrido narrativo, garantindo o sentido dito, havendo o cuidado em contemplar todos os relatos e evidenciando as emoções. As análises ocorreram por meio de codificação dos dados abordados em: *Sujeito*; *Infância - Adolescência - Sexualidade*; *Vulnerabilidade*; *Tipo de Família*; *Sentimentos*; *Apoio e/ou Suporte*; *Representação Social*; *Afetividade*; e *Esperança*. A classificação dos *modos de relação familiar* ocorreu por meio de modelos que se referem à *Estrutura e Dinâmica Global*, *Relação Conjugal* e *Relação Parental*, que tomará como base o *Roteiro de Tipologia Familiar* (Caniço, Carvalho, Bairrada, & Rodríguez, 2010).

3 RESULTADOS

Para as travestis foram identificadas com os pseudônimos de *Rayssa Amaral*, *Daniela* e *Laysla*. No que se refere ao perfil social das participantes todas as três autodeclaradas travestis, com idades 29, 32 e 23 anos respectivamente, em relação à escolaridade, todas declararam não terem concluído o ensino médio, e deixam os

estudos para se tornarem profissionais do sexo após a transição por não conseguirem outras opções de trabalho. O processo de travestilidade teve início logo na adolescência com a maior parte não tendo o apoio das famílias, recorrendo a amigos e a outras travestis, e para a feminização do corpo foram usados hormônios sem acompanhamento médico.

No colégio eu sempre fui um bom aluno, sempre tirei nota boa e de vez em quando sofri um pouco preconceito dos colegas, acho que pelo fato de já saber que na época talvez eu pudia ser gay (Rayssa).

Eu me enturmava mais com as meninas, no colégio, não tinha muita influência com os meninos, não gostava da aproximação com muitos meninos por eu ser afeminada, os meus coleguinhas de escola me tratavam diferente, às vezes zombavam da minha afeminação (Laysla).

Eu sempre senti que eu era diferente eu nunca tive a intenção de ser uma pessoa entre aspas normal (Daniela).

No que diz respeito a infância e adolescência das participantes identificou-se que todas aproveitaram essa etapa sem sexualização, vivenciaram um ambiente familiar acolhedor no qual sentiram a proteção dos pais, mesmo em relação a aquela que desde essa etapa esteve financiando pela prostituição. Sobre a infância propriamente todas as participantes revelaram traços femininos vistos como normais e em que nenhum dos casos, a família desconfiou sobre as preferências ou mudança que poderiam ocorrer, na adolescência descobriu-se a atração pelo mesmo sexo, e então a surgiu dúvidas sobre o que acontecia e a busca de informações foi feita com pessoas do círculo de amizade, nenhuma sentiu a totalmente a vontade para contar com a família, a transição começou nesse período onde o corpo masculino dava formas afeminadas.

Eu fui descobrir mais ou menos assim que eu fiquei com duvida aos 16 anos mais na época eu achei que era gay... com 18 anos eu tive a coragem de me assumir né, e quem me apoiou foi os meus primos na época que, eu já tinha dois primos que já era travesti (Rayssa).

Foi a partir do momento que eu me apegava mais a coisa femininas, eu já queria deixar meu cabelo crescer de ladinho... eu deixava de fazer atividades masculinas... eu apenas cresci com os traços meio afeminado (Laysla).

Mais tempo de pensar no que eu queria mesmo, do que eu poderia, minhas possibilidades, pra mim não errar também, apesar que nesse lance de sexualidade não tem erro... eu prolonguei o máximo, a infância, acho que até 17-18 anos eu ainda era muito criança, então isso me fez ter. Eu tive amigos que me apoiaram, minha família também me apoiou, apesar de que de inicio foi um pouco complicado (Daniela).

Em referência a família constatou-se mesmo vindo de diferentes tipos de famílias (monoparental e reconstruídas) a dinâmica produzida no momento da revelação tornou-se uniforme, a maioria não teve aceitação em um primeiro momento, e algumas até sentimento de preconceito podem vivenciar, relatando entenderem os motivos das famílias por não poderem oferecer biologicamente a identidade de gênero que estava naturalizada.

No tocante a sexualidade, a percepção de que 'algo' se passava de maneira diferente dos pares, as participantes nomearam como sentimento de culpa por não estarem cumprindo com as 'leis da natureza', sendo bastante difícil esse momento de mudança tanto físicas quanto psíquicas, lidando com momentos decisivos sobre uma nova vida que acaba por nascer no instante que decidem deixar o cabelo crescer ou mesmo ao se interessar sexualmente por homens, passando por todos os estigmas sociais que acabaram por interferir na consolidação de uma vida na prostituição.

As primeiras mudanças foi que eu comecei a deixar o cabelinho crescer, apesar de que meu pai não gostava muito, ele fazia eu cortar o cabelo, mas sempre que eu tinha oportunidades eu deixava crescer (Laysla).

A minha transição foi complicada mais ao mesmo tempo necessária... tem o momento só da gente, transforma fisicamente e assim a gente vai se adaptando ao mundo, com essa nova forma (Daniela).

Sobre a vulnerabilidade das ruas constatou no relato das participantes os motivos financeiros como motivador para estarem na condição de prostituição nas ruas, relataram a dificuldade em estar trabalhando pela insegurança existente, principalmente pelo fato da discriminação vivenciada a cada hora passada nas ruas, relataram que não se trata de um trabalho fácil e sim rápido para conseguirem o sustento e que dessa forma as violências físicas e psíquicas se tornam frequentes e fazem parte da rotina na rua que algumas conseguiram sair com muita dificuldade para trabalhos que não são tão bem remuneradas, mas que oferecem condições trabalhistas melhores.

A partir dos 18 anos quando eu comecei a me prostituir eu não parei mais, trabalho na rua é meio complicado, né, é muito perigoso, mas foi uma forma que eu achei de ganhar dinheiro rápido, não é dinheiro fácil, é rápido (Rayssa).

Já pra jovem de 17 pra 18 eu não conseguia trabalho por ser muito afeminada, foi a fase eu comecei a transição pra trans, e uma vez eu recebi uma oportunidade de dinheiro eu não conseguia fonte de renda, eu aceitei por não ter condições, estar na rua foi muito ruim, submeter a prostituição por dinheiro é simplesmente por estar na rua dependendo dos outros pra ter dinheiro é humilhante é um sacrifício (Laysla).

Em referência a família avante aos sentimentos, apoio e suporte, as participantes demonstram insatisfação no acolhimento, as famílias ficaram receosas e decepcionadas com a notícia de transformação, algumas até mesmo sofrerão violência física com a justificativa de consertar aquilo que julgaram estar errado e que foge da normatização, tiveram conversar com os progenitores na tentativa de entendimento da situação tentando manter os laços familiares, entre elas algumas tiveram que sair de casa e começar uma nova vida, com um novo modelo familiar (família homossexual), outras tiveram a paciência de aguardar o processo reflexão atuar e a aceitação logo veio, deixando a família de intervir nas escolhas delas.

Com o tempo eu comecei a ficar de frente o espelho passando batom escondido, a colocar lenço na cabeça a fazer coisas femininas, ai um dia meu pai viu isso jogou minhas coisinhas de menina tudo fora e meu deu até uma surra pra mim mudar o comportamento (Laysla).

Eu não tive uma grande oportunidade pra ta falando com minha família, na verdade eles descobriram através de uma suposta amiga minha, assim meu pai chegou em mim, me perguntando se era verdade e eu de prontamente respondi que sim, era um momento de decisão onde meu pai me aceitaria ou me expulsaria de casa (Daniela). Conte pra minha mãe aos 18 anos, no dia ela chorou e tal, mas acho que toda mãe já sabe desde o começo né... a reação dela no primeiro dia foi complicada (Rayssa).

No que refere a tipologia familiar os relatos das participantes Rayssa e Daniela possibilitou identificar quanto a estrutura e a dinâmica o *perfil monoparental*, ou seja, família constituída por um progenitor que co-habita com o(s) seu(s) descendente(s), já os relatos de Laysla indicam o *perfil de família reconstruída, combinada ou recombinação*, ou seja, família em que existe uma nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores, de um ou dos dois cônjuges.

Quanto ao modelo de relação conjugal Daniela classifica-se como *família tradicional*, na qual se estrutura em função do gênero feminino/masculino diferenciados em que cada membro tem um papel pré-estabelecido na família e na comunidade. Já Laysla inicialmente aponta para perfil de *família tradicional*, entretanto, posteriormente ocorre uma mudança após a constituição de uma nova família, migrando para o perfil de *família companheirismo* em que existe partilha e repartição de atividades, objetivos comuns, evolui com as experiências e contatos externos. Já Rayssa quanto a relação conjugal pertence à *família paralela* em que os cônjuges não partilham atividades cotidianas nem objetivos de vida, existe atitude de

encerramento ao exterior e dificuldade em conseguir abertura para modificar hábitos de vida.

No que se refere a relação parental Laysla se caracteriza como *família rígida (instável)* existindo, assim, dificuldade em compreender assumir e acompanhar o desenvolvimento saudável dos filhos, ao contrário está Daniela que se caracteriza como *família superprotetora (instável)*, onde a família há preocupação excessiva em proteger os filhos, sendo os pais supercontroladores. Em relação a Rayssa identifica-se modelos de *família permissiva (instável)* e *sem objetivos (instável)* por ser uma família em que os pais não são capazes de disciplinar os filhos e ao mesmo tempo estão confusos por falta de objetivos e metas comuns.

Acerca da representação social da família para as participantes do estudo, para Daniela é significado de *refúgio e segurança*, demonstrados nos momentos mais difíceis de sua transformação. “[...] *Meus pais sempre foram muito rígidos comigo, mas, ao mesmo tempo sempre muito super protetores e tudo isso me ajudou a ser um ser humano melhor.*” Para Rayssa a família representa um *elo de sustentação*, ou seja, mesmo na configuração familiar apenas a mãe esteve presente, Rayssa recebeu os cuidados necessários para a sobrevivência. “[...] *minha mãe nunca deixou faltar as coisas pra gente, sempre tive a relação muito boa com ela, ela sempre fez de tudo para dar do bom e do melhor pros filhos.*” Já Laysla tem a família como *repreensão e falta de suporte*. “[...] *Meu pai já não aceitou, não gostou e nesse meio comecei minha transição de trans... minha mãe falou que já sabia mais que não aprovava que não achava que ia ser bom pra mim.*” Assim sendo, o estudo tende a revelar a representação social familiar como sendo refúgio de segurança e insegurança e falta de aporte dos membros envolvidos, entretanto, ligada pelo afeto.

Quanto às perspectivas de futuro e vida as participantes revelam *insegurança* frente a alguns projetos, principalmente em como *deixar a prostituição, adquirir um trabalho* considerado por elas *digno*. As entrevistadas apontam para o *desejo de constituir família com filhos no estilo tradicional, não esperam riquezas* somente condição necessária de *sobrevivência financeira digna, a felicidade é de algum dia, o preconceito fique apenas na memória (supuração)*, podendo ser vistas *como travestis que escolheram ser*.

Assim sendo, no que tange a perspectiva futura é claro que a identidade de gênero está clara e elaborada pelas participantes enquanto pessoas existentes no contexto do dia-a-dia da sociedade. Entretanto, a superação do preconceito se faz

necessário, pois a repressão enquanto mecanismo de defesa para sobrevivência apenas ameniza o sofrimento vivenciado.

Contudo, é fortemente expressado pelas participantes o movimento de abandonar a prostituição e adquirir um novo emprego, mas movidas pela insegurança gerada pelo preconceito as impede de pensar em maneiras de conquistá-lo. No mesmo sentido em direção à constituição familiar, o desejo em possuir uma família tradicional, mesmo tendo enquanto estrutura e tipologia familiar evidências fragilidades e alienantes. Confirmando que o modelo vivenciado é forte tendencioso a reprodução, mas havendo oportunidades diante do desejo em fazer e ser diferente sua história pode ser mudada.

4 DISCUSSÃO

A família tem um papel fundamental na formação cultural do indivíduo, é através dela que serão inseridas culturas e as ramificações de um caminho assertivo dentro das normas heteronormativas vigentes. Pode-se perceber que dentre as entrevistas o processo de transição foi aceito pelos familiares, com certa falta de apoio para seguir a vida nas instituições, como na escola, que todas evadiram antes do término do ensino médio, isso demonstra conforme estudos que a partir do momento que decidem assumir sua nova identidade, defrontam com o preconceito e estigmas que resultará na escolha de alternativas como a prostituição como forma de subsistência (Jacewicz, 2011).

A sociedade dita nos moldes patriarcal ainda não faz distinção entre o sexo biológico e o sexo psíquico, padronizando a identidade de gênero e a sexualidade em relação ao órgão genital de nascimento, ficando assim, estabelecido como deve ser vivenciado a sexualidade ou mesmo a identidade de gênero (Soares, Antoniassi Junior, & Melo, 2017).

Culturalmente os biótipos masculinos e femininos são impostos e padrões de beleza introjetados, e para as travestis, as mudanças corporais passam a ser um desafio indo de encontro à norma heteronormativa, socialmente os desejos e os trejeitos das travestis são malquistos e assim dificulta a inserção delas na sociedade em todas as esferas, as entrevistas dizem da importância de serem identificadas como mulheres, mesmo sem terem feito a adequação do órgão genital, e a mudança corporal é feita com todo cuidado assim como a mudança do nome no registro civil

são requisitos mínimos para elas se sentirem em conformidade com seus desejos. Através da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4275, encerrado na sessão plenária realizada dia 01 de março de 2018, ficou estabelecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) o direito de alteração de nome e gênero no registro civil, mesmo sem a realização da cirurgia de redesignação de sexo (Brasil, 2018), uma vitória para as travestis que não sentem necessidade de fazer tal procedimento, uma percepção que pode ter com as entrevistadas, que querem ser socialmente aceitas com aparência e personalidade feminina com o órgão masculino.

Para se tornarem mais femininas, as participantes fizeram o uso de hormônios, porém nenhuma demonstrou o interesse em fazer a cirurgia de retirada do órgão sexual masculino, ou seja, elas se identificam como travestis, uma figura feminina dotada pelo órgão masculino com significações no corpo que as fazem originais nos comportamentos se afirmando diante uma sociedade que as deixam na margem em todas as esferas socioeconômicas, porém assim, sentem dotadas de um padrão de beleza que essa própria sociedade estabelece (Peres, 2011).

Mas é através da transformação do corpo que as travestis se inserem na sociedade que possuem um padrão binário, desconfigurando a norma, e assim, as fazem inseguras para se recolocarem no seu lugar que direito, acreditando na exclusão como natural da sociedade (Amorim, Vieira, & Brancaloni, 2013). Conforme identificado no estudo, a dificuldade de inserção socioeconômica torna difícil pelo estereótipo do corpo apresentado cabendo assim a prostituição como meio mais fácil de conseguir sobreviver economicamente, pois a marginalização pelo estigma expõe a vulnerabilidade destas mulheres *trans* a condição de vender o corpo para fazer dinheiro.

Entretanto, ser mulher e/ou sentir-se mulher não se resume no genital. As travestis estão inseridas em um limbo perante uma sociedade que exclui aqueles que divergentes do padrão binários e estéticos, que são impostos culturalmente, a feminilidade é construída baseada no imaginário dos homens, e pertencer a esse modelo requer sacrifícios mesmo para aquelas que nasceram já biologicamente dotadas das afeições femininas, para as travestis a construção de uma imagem de mulher a partir do seu fator biológico masculino, acarreta em mudanças psíquicas, não é somente estar transvestida em roupa e adereços femininos, e sim, fazer a transição do físico e do psíquico assemelhando ao máximo com a postura da mulher

idealizada pelo fator de seu desejo que é o homem, masculinizado (Soares, Antoniassi Junior, & Melo, 2017).

Relativamente os motivadores para ingressarem na prostituição revelada no estudo tocam a falta de apoio familiar e independência financeira, estudos apontam que a família é responsável por normatizar o padrão, quando existe uma ruptura nele, os primeiros obstáculos para uma vida de opressão se iniciam (Souza, Malvasi, Signorell, & Pereira, 2015), como mencionado anteriormente, a saída precoce da escola vem a incrementar na solução de sobrevivência através de meios excluídos, a prostituição que financia a vida, explora um corpo construído e as submergem ainda mais no preconceito socialmente estabelecido (Dias et al., 2015), as entrevistadas citam que estar na prostituição não requer um ganho de dinheiro facilitado e sim uma forma rápida para conseguir os bens almejados.

A prostituição acaba sendo predestinadas as travestis marginalizadas, nos anos de 1980 foi o marco, no qual elas iniciaram a fazer a cobrança pelo serviço sexual prestado, e nos dias atuais essa prática é vista como exploração de seus corpos que são cuidadosamente modificados para o gozo próprio, porém, como no mercado de trabalho a discriminação na hora da contratação existe, a alternativa que resta é partir para a rua, estando propensas a violências físicas e psíquicas, sendo mais uma vez estigmatizadas no contexto social (Kulick, 2008), há de tomar nota que algumas entrevistadas saíram da rua, com muita persistência, e conseguiram trabalho ressaltando que na área de estética ou de costura, trabalho que culturalmente é destinado à mão de obra feminina.

A rejeição no mercado de trabalho é quase que unânime, as entrevistas optaram pela prostituição e as que conseguiram sair dela, relataram que conseguiram trabalho formal por intermédio de algum conhecido, e as áreas ofertadas em sua maioria são na estética ou na área de costura, vista como ocupações femininas, em estudos adjacentes notam que na esfera do trabalho os preconceitos são interpostos na cultura heteronormativa, dificultando a inserção das travestis que é vista como transgressora das regras (Jacewicz, 2011).

Os modelos familiares podem serem classificados enquanto estrutura e dinâmica global, ramificando-se em: Família Reconstruída Combinada ou Recombinada - família em que existe uma nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores, de um ou dos dois cônjuges -, Família Homossexual - família em que existe uma união conjugal entre 2 pessoas do mesmo

sexo, independentemente da restante estrutura -, Família Monoparental - família constituída por um progenitor que co-habita com o(s) seu(s) descendente(s) -. Em relação conjugal como: Família Tradicional - família estruturada em função do género feminino/masculino, diferenciados, em que cada membro tem um papel pré-estabelecido na família e na comunidade -, -, Família Rígida (instável) - família em há dificuldade em compreender assumir e acompanhar o desenvolvimento saudável dos filhos -, Família Super- protectorra (instável) - família em que há preocupação excessiva em proteger os filhos, sendo os pais supercontroladores -, Família Permissiva (instável) - Família em que os pais não são capazes de disciplinar os filhos -, (Caniço, Carvalho, Bairrada, & Rodríguez, 2010).

Diante das novas configurações familiares, percebe-se uma incongruência nas tipologias dentre as entrevistadas, algumas advindas de famílias com perfil tradicional, no qual está impregnada pela cultura binária, sofrem alterações ao serem modificadas por uma nova configuração, que pode acarretar na exclusão do membro que se transformou e assim ele, por conseguinte formar parte de um novo perfil, essa instabilidade rompe com as bases familiares sendo crucial no desenvolvimento do indivíduo, a família patriarcal acrescido da pressão social por estabelecer as funções masculinas e femininas, veem impugnadas contra a realidade que tange a cada família dessas entrevistadas (Bento, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das entrevistas, pode-se concluir que a família é de fundamental importância na vida das pessoas, e seria o principal fator por ofertar o acolhimento desde a infância até a vida adulta, principalmente nos momentos mais difíceis e de dúvidas que surgem durante o processo de crescimento, ocorrendo também no momento de transição das travestis, saindo de uma masculinidade que é imposta culturalmente, desviando para um caminho que as levará para a margem da sociedade, tornando um fator de proteção e/ou risco.

A travestilidade não é uma questão de escolha e sim possibilidade de identificação que ocorre durante o desenvolvimento, uma vez que, as travestis relatam na infância brincar de ser mulher sem saber que poderiam ser tornar travestis, e somente na adolescência perceberam os trejeitos e a incoerência com o modelo masculino, feminizando a forma de ser.

A necessidade da mudança do nome e sexo no registro é essencial, porém, vale ressaltar que para as entrevistas, ter o órgão sexual masculino, não faz menos mulher, afirmando o fato de homem e mulher serem denominações construídas culturalmente, e que para as entrevistas, são mulheres com o órgão sexual masculino.

A vulnerabilidade do trabalho com a prostituição as expõe e as estigmatizam perante a sociedade que não oferecem abertura no mercado de trabalho, tendo que se esforçarem ao máximo para saírem do exílio social, alocando-se em atividades destinada a mão de obra feminina, pois o desejo de abandonar a prostituição é evidente, mas as oportunidades se extinguem.

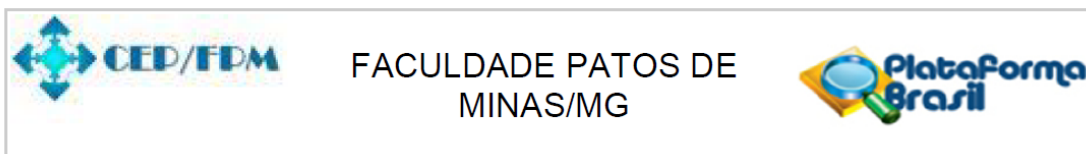
Por fim, percebe-se a necessidade de estudos na área das novas configurações familiares e como lidar com elas, o sofrimento gerado pelo preconceito gera um ciclo vicioso que as leva para fora da sociedade que é dirigida por conceitos heteronormativos.

REFERÊNCIAS

- Amorim, S. M., Vieira, F. S., & Brancaloni, A. P. (2013). Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis. *Saúde em Debate*, 37(98), 525-535.
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA]. (14 de Agosto de 2017). *Assassinatos de pessoas trans*. Espírito Santo.
- Bandeira, M., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal. In: L. N. Weber, A. P. Salvador, & O. J. Brandenburg, *Qualidade de interação familiar: instrumentos de medida e programas de prevenção* (1a ed., pp. 125-142). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bento, B. (2012). As Famílias que Habitam "a Família". *Sociedade e Cultura*, v (15), 275-283.
- Braga, S. (2010). *O Travesti e a Metáfora da Modernidade*. Santa Catarina: UNISUL.
- Brasil. (01 de Março de 2018). Supremo Tribunal Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. Fonte: Supremo Tribunal Federal.
- Caníço, H., Carvalho, A., Bairrada, P., & Rodríguez, E. (2010). *Novos tipos de família: plano de cuidados*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Davi, E. H., Bruns, M. A., & Santos, C. (2010). Na batalha: história de vida e corporalidade travesti. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN*, 11(2), 63-78.

- Dias, A. L. et al. (2015). À margem da cidade: trajetórias de invisibilidade e exclusão de travestis em situação de rua. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(2), 214-233.
- Gonçalves, R. C., & Lisboa, T. K. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Katál*, 10(esp), 83-92.
- Gonçalves, T. C., & Antoniassi Junior, G. (2017). O Sistema Familiar e os Problemas das Drogas: um estudo do filme Cazuza - O tempo não para. *Rev. Psicol Saúde e Debate*, 3(2), 74-89.
- Jacewicz, C. C. (2011). *Identidade travesti e exclusão social sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural*. Simpósio Internacional de Educação Sexual-II SIES, II (pp. 1-15).
- Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Nogueira, S. N., Aquino, T. A., & Cabral, E. A. (2017). *Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans*. Brasil: Rede Trans Brasil.
- Oliveira Neto, M., & Vieira, M. F. Transexualidade e preconceito: as implicações do psicólogo. *Transexualidade e preconceito: as implicações do psicólogo*. Botucatu, São Paulo, Brasil: Fatec.
- Peres, W. S. (2011). Travestis: corpos nômades, sexualidade múltiplas e direitos políticos. In: L. A. Souza, T. T. Sabatine, B. R. Magalhães, L. A. Souza, T. T. Sabatine, & B. R. Magalhães (Eds.), *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito* (pp. 69-104). Marília: Cultura Acadêmica.
- Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2009). Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações. In: Z. A. Prette, & A. Del Prette, *Avaliação de habilidades sociais: bases conceituais, instrumentos e procedimentos* (pp. 187-299). Petrópolis: Vozes.
- Soares, A. P.R., Antoniassi Junior, G., & Melo, H. C. (2017). Posicionamento e Percepção de Universitários de Graduação em Psicologia acerca da Alteração do Nome Civil de Pessoas Transexuais. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, 7(1), 35-51.
- Souza, M. H., Malvasi, P., Signorell, M. C., & Pereira, P. P. (2015). Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria/RS. *Cad. Saúde Pública*, 31(4), 767-776.
- Vasconcellos, L. T. (2014). *Travestis e transexuais no mercado de trabalho*. Congresso Nacional de Excelência em Gestão, X (pp. 1-17).

ANEXO – A
Parecer Substanciado de Aprovação do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E AS RELAÇÕES FAMILIARES

Pesquisador: GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80607717.5.0000.8078

Instituição Proponente: ASSOCIACAO EDUCACIONAL DE PATOS DE MINAS - AEPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.439.283

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de conclusão de curso. O curso é psicologia e a pesquisa está inserida na linha de pesquisa: Risco e Vulnerabilidade de Saúde oriundas do uso de álcool e outras drogas. Relações de Família. Saúde e Educação.

Objetivo da Pesquisa:

Ilustrar nas histórias de vidas de Travestis os modos de relações familiares e os tipos de famílias aos quais estão inseridas, em uma cidade da Região do Alto Paranaíba, Estado de Minas Gerais, Brasil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresenta nenhum risco, visto que, não trará nenhum dano aos entrevistados. Trará o benefício na área de estudos sobre relações familiares e apresentará a vulnerabilidade as quais está submetidas as travestis. Bem como, disponibilizará atendimento psicológico aos participantes da pesquisa.

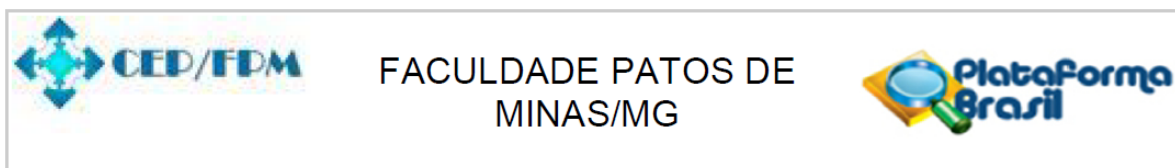
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem escrito, com objetivos e metodologia bem definidos e claros.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Tudo certo.

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculadepatosdeminas.edu.br



Continuação do Parecer: 2.439.283

Recomendações:

Sem recomendações. Entregar projeto de pesquisa até 31/10/2018.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Data para entrega de Relatório Final ao CEP/FPM: 31/10/2018

OBS.: O CEP/FPM LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

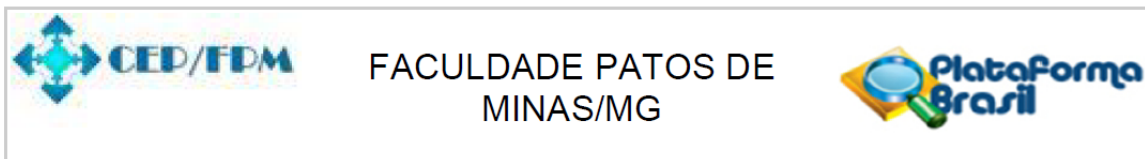
O CEP/FPM lembra que:

- a- segundo a Resolução 466/12, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo Participante da pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/FPM dá-se em decorrência do atendimento a Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- O Participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante da pesquisa ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br



Continuação do Parecer: 2.439.283

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

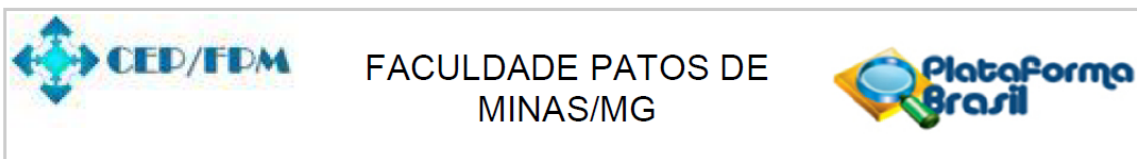
De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1037773.pdf	21/11/2017 07:53:44		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	21/11/2017 07:51:23	GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA_ORAL.pdf	21/11/2017 07:47:18	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Outros	INVENTARIO_DE_HABILIDADES_SOCIAIS.pdf	21/11/2017 07:46:01	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Outros	ESCALA_INTERACAO_FAMILIAR.pdf	21/11/2017 07:45:08	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_CEP.pdf	21/11/2017 07:44:34	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Outros	DECLARACAO_CLINICA_PSIKOLOGIA.pdf	21/11/2017 07:43:36	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Outros	CARTA_ENCAMINHAMENTO.pdf	21/11/2017 07:43:09	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	21/11/2017 07:42:32	GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR	Aceito

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br



Continuação do Parecer: 2.439.283

Ausência	TCLE.pdf	21/11/2017 07:42:32	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	21/11/2017 07:41:53	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_TORNAR_PUBLICO.pdf	21/11/2017 07:29:11	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	21/11/2017 07:27:33	GILMAR ANTONIASSI	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	21/11/2017 07:25:21	GILMAR ANTONIASSI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PATOS DE MINAS, 14 de Dezembro de 2017

Assinado por:
HUGO CHRISTIANO SOARES MELO
(Coordenador)

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br

APENDICE – A

Roteiro de Entrevista Oral

- Roteiro para Entrevista:

Item 1 – Identificação do sujeito de estudo

- Nome:
- Idade:
- Local e data de nascimento:
- Profissão atual:
- Profissões anteriores:
- Estado Civil:

Item 2- História da infância - adolescência - e sexualidade

- Qual a história do nascimento?
- Onde morava quando criança?
- E como era a casa?
- O que fazia na infância?
- Como era a relação com os pais?
- E as amizades?
- Como era no colégio?
- Um acontecimento marcante nessa época?
- Em que momento foi percebido que algo se passava?
- Como definir esse “algo”
- Como foi passar por esse momento?
- Alguém apoiou?
- Quais as primeiras mudanças?

Item 3 – A vulnerabilidade das ruas

- Como é esse trabalho na rua?
- Como é estar na rua?
- Gostaria de mudar de vida?
- Já sofreu algum tipo de violência?
- E quando sofrida foi em busca de ajuda?
- Como foi recebida?
- E sua família o que fala sobre sua vida na rua?
- Já usou ou usa alguma droga?
- O ambiente da rua propicia o uso?
- Qual o motivo do uso?
- Já buscou ajuda para o vício?
- Te deram alternativas para mudar de vida?
- Como são as relações de amizade criadas na rua?

Item 4 – A Família

- Como contou para família?
- Qual foi a reação?
- E os pais e irmãos (se tiver)?
- E os parentes mais próximos?
- Sente falta de alguma coisa?
- Teve que mudar de vida?
- Teve que sair de casa?
- Sofreu algum tipo de violência?
- Teve a oportunidade de se defender?
- Para você existe diferença entre o significado de família antes/depois do momento da revelação?
- E o que é família agora pra você?

Item 5 – O futuro

- Como você vê as oportunidades oferecidas para se profissionalizar e mesmo a de trabalho? Elas existem?
- Como você se vê daqui 10 anos?
- Qual seu sonho?

APENDICE – B

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Pesquisa com Seres Humanos



www.faculdadepatosdeminas.edu.br

Campus JK
Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira
Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG
CEP: 38706-002
Patos de Minas, MG
T 55 34 3818-2300



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução CNS Nº. 466/2012)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "*Histórias de vida de travestis e as relações familiares*", coordenada pelo pesquisador(a) responsável Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior e conduzida por Morgana Moura Chagas aluno(a)/pesquisador(a) do Curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas - FPM. Essa pesquisa se justifica frente a importância de se conhecer os relatos de vida das travestis, em suas relações familiares e que tipo de famílias essas travestis que estão em situação de risco nas ruas tem vivenciado. Outro ponto justificável do estudo é a análise dos dados para implementação de novas políticas públicas de saúde, que proporcionam o decréscimo das situações de riscos e vulnerabilidade vividas pelo grupo estudado.

1. Os objetivos com os quais essa pesquisa estará sendo realizada serão: ilustrar as histórias de vida das travestis, assim como, identificar o perfil social daquelas que estão em situação de vulnerabilidade e compreender as relações familiares que estas possuem.
2. Para tanto, serão realizados procedimentos que entrevista de história de vida, inventário de habilidades sociais, escala de qualidade na interação familiar.
3. O procedimento de coleta de dados constará de primeiramente será feito um encontro explicando os objetivos do estudo e participarão apenas aquelas travestis que assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido. A partir do aceite serão marcados novos encontros para aplicação da entrevista, inventário e a escala citados.
4. Os benefícios esperados diante de sua participação neste estudo correspondem em oportunidades de planejamento de ações terapêuticas e acompanhamento psicológico, podendo propiciar o restabelecimento das relações familiares, salientando que esta pesquisa não expressa risco eminente, somente, devido a exposição das participantes em relatar suas condições de fragilidade, caso ocorra algum tipo de constrangimento será ofertado a todas as travestis um acolhimento psicológico por meio da parceria com a Clínica Escola de Psicologia, do curso de Psicologia da Faculdade de Patos de Minas.
5. Sua identidade, os relatos de sua vida privada em situação de vulnerabilidade e os resultados referente as escalas serão mantidos em sigilo absoluto sob responsabilidade do pesquisador, estando o mesmo sujeito às penas previstas na Lei brasileira, e de posse do CEP/FPM por 5 anos.
6. Cabe a você decidir se deseja ou não participar dessa pesquisa. Se decidir participar deverá assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando ciente de que terá o direito de interromper o estudo e/ou retirar seu consentimento a qualquer momento durante o desenvolvimento da pesquisa sem que isso afete seus direitos aos cuidados futuros. Sua participação é livre e não implica quaisquer tipos de recebimento de remuneração ou pagamento.
7. Em relação a qualquer dano direta ou indiretamente causado por esta pesquisa, o(s) Pesquisador(es) do Estudo e seus assistentes e a Instituição serão responsáveis, perante a lei brasileira, pela indenização de eventuais danos que o participante de pesquisa possa vir a sofrer, bem como por prestar assistência imediata e integral, nos termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde;
8. Os seus dados pessoais e as informações obtidas neste estudo, pelo pesquisador e sua equipe, serão garantidos pelo sigilo e confidencialidade. Os seus dados do estudo serão codificados de tal modo que sua identidade não seja revelada;
9. Você terá o direito de dirigir-se, a qualquer momento, ao(s) pesquisador(es) e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Patos de Minas - FPM, para os esclarecimentos sobre dúvidas que surgirem durante a pesquisa, tendo, portanto, o direito à informação. Nesse caso, entre em contato:

- Nome do Pesquisador: Gilmar Antoniassi Junior
Telefone: (34) 3818-2300
Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3A

Rubrica do Pesquisador

Morgana Moura Chagas
Rubrica do Representante



www.faculdadepatosdeminas.edu.br

Campus JK
Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira
Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas - MG
CEP: 38706-002
Patos de Minas, MG
T 55 34 3818-2300



- CEP: 38706-002 – Patos de Minas/MG
- Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Patos de Minas
Ito Endereço: Campus JK, Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG, CEP: 38706-002, Patos de Minas, MG. Telefone: (34) 3818-2300
E-mail: cep@faculdadepatosdeminas.edu.br
Horário de funcionamento: seg, qua, sex: 7h às 12h / terça e quinta: 13h às 17h.

10. DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO:

- Eu recebi informação oral sobre o estudo acima e li por escrito este documento.
- Eu tive a oportunidade de discutir o estudo, fazer perguntas e receber esclarecimentos.
- Eu concordo em participar do estudo e estou ciente que minha participação é totalmente voluntária.
- Eu entendo que posso retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso afete meu direito aos cuidados futuros.
- Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado e rubricado em duas vias originais por mim e pelo Pesquisador.
- Assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Pesquisador do Estudo garantirá ao Participante da Pesquisa, em seu próprio nome e em nome da instituição, os direitos descritos neste documento.
- Eu entendo que receberei uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A outra via original será mantida sob a responsabilidade do Pesquisador do Estudo.

Para ser assinado e datado pelo Participante da Pesquisa:

Assinatura do Participante da Pesquisa

Data da Assinatura

Nome do Participante da Pesquisa por extenso (LETRAS MAIÚSCULAS)

Para ser assinado e datado pelo Pesquisador do Estudo:

Margama Maura Chagas

Pesquisador do Estudo

Data da Assinatura

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas no Capítulo IV da Resolução 466/12 e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Local: _____, _____ de _____ de _____.

Gilmar Antoniazzi Junior

Pesquisador Responsável

Gilmar Antoniazzi Junior

Rubrica do Pesquisador

Margama Maura Chagas

Rubrica do Representante

APÊNDICE – C

Transcrições das Entrevistas

- Rayssa

Meu nome é Fabrício Junior, tenho 29 anos vou fazer 30 agora em fevereiro, nasci em Patos de Minas no dia 19/02/1988, atualmente eu sou acompanhante e já trabalhei como costureira e ajudante de decoração sou solteira no momento, a história do meu nascimento foi a minha mãe não planejou a gravidez, ela teve uma relação com um rapaz e ele sumiu depois da gravidez e eu fui conhecer ele depois de uns 25 anos mais ou menos. Eu sempre morei de aluguel então, quando eu era pequeno sempre vivia de casa em casa assim nunca teve um lugar fixo mesmo, a maioria das vezes era umas meia aguinha pequena, sempre casa simples, na infância sempre brinquei muito, minha mãe nunca deixou faltar as coisas pra gente, é... sempre tive a relação muito boa com ela, ela sempre fez de tudo pra dar do bom e do melhor pros filhos, roupa, material escolar, essas coisas ela nunca deixou faltar né, e ela era acompanhante também só que ela trabalhava em boate na época sim. É... amizade eu nunca tive muita amizade, sempre mais com as minhas irmãs pequenas mesmo que a gente sempre ficava junto na infância. No colégio eu sempre fui um bom aluno, sempre tirei nota boa e de vez em quando sofri um pouco preconceito dos colegas, acho que pelo fato de já saber que na época talvez eu podia ser gay né, é... acontecimento marcante, na escola mesmo só de algum colega ficar chamando de bichinha, boiola essas coisas mesmos assim que eu lembro. Eu fui descobrir mais ou menos assim que eu fiquei em dúvida aos 16 anos mais na época eu achei que era gay ai comecei a sair com uns primos meus e tal, até fiquei com um gay mais não senti nada na época, ai eu fiquei meio com receio e di um tempo um intervalo achando talvez eu podia tá com alguma dúvida e que não era isso que eu queria pra mim, aí com 18 anos... com 18 anos eu tive a coragem de me assumir né, e quem me apoiou foi os meus primos na época que, eu já tinha dois primos que já era travesti na época e eles me deram apoio e tal, mais foi tipo assim, foi onde eu recorri na época minha mãe não sabia ainda eu saia de casa ia pra casa deles de lá eu me vestia de mulher e tal, e foi aonde eu conheci a prostituição na época também, e a partir de lá, a partir dos 18 anos quando eu comecei a me prostituir eu não parei mais. Trabalho na rua é meio complicado, né, é muito perigoso, mas foi uma forma que eu achei de ganhar dinheiro rápido, não é dinheiro fácil, é rápido, porque de fácil não tem nada mesmo, a

gente passa por muita coisa complicada, é gostará mudar de vida eu até gostaria mais no momento a única opção que eu tenho é essa mesmo pra conseguir as coisas que eu tenho vontade é essa né, já sofri algumas violências, mas a em outubro do ano retrasado teve uma tentativa de latrocínio comigo onde que eu trabalhava, o rapaz roubou meu celular e tentou me matar na época, ai eu procurei a delegacia a gente conseguiu pegar ele, ele ficou preso mais ficou só 6 meses lá e ta respondendo em liberdade agora, é, fui bem tratada na delegacia, a delegada me ajudou bem na época e esse ano também eu sofri um assalto e já faz 2 meses mais ou menos que eu não trabalho na rua, agora eu trabalho só por telefone mesmo, só no site mesmo. Minha mãe sempre pediu pra eu poder sair da rua né, ela nunca gostou que eu ficasse trabalhando na rua é... mais ela sabia que eu precisava disso pra viver minha vida, eu não faço o uso de drogas, eu não bebo, não fumo, já tentei aprender a beber mais não consegui não gostei, eu acho que o ambiente da rua não propicia isso é... porque tanto é eu trabalhei 12 anos 11 anos e meio na rua e nunca quis usar nenhum tipo de droga né, acho que isso vai da pessoa mesmo, tanto é que tem muita gente que usa droga e não faz programa na rua, motivo do uso talvez pode ser porque pela vida que a pessoa vive, talvez ela não é bem aceita pela família e é onde que ela se recorre pra poder né acabar com a depressão essas coisas. Já me deram alternativas pra mudar de vida, já , trabalhei com costura, já tentei trabalhar com ajudante de decoração essas coisas mais a gente não ganha tão bem quanto ganha fazendo programa entendeu? E eu tenho tipo assim, eu sempre trabalhei sozinha, a maioria das travestis sempre tem aquela turminha e tal, mas eu não gosto de trabalhar muito perto das outras eu sempre gostei de trabalhar sozinha, quando eu fui trabalhar na rua nos éramos 7 ai foi diminuindo até ficar só eu lá no ponto onde que eu trabalhava, é... contei pra minha mãe aos 18 anos, no dia ela chorou e tal, mas acho que toda mãe já sabe desde o começo né, ai no outro dia ela sentou comigo conversou só pediu que era pra eu poder cuidar, não usar drogas, usar preservativos essas coisas foi tranquilo, a reação dela no primeiro dia foi complicada mais depois foi tudo normal, as minhas irmãs sempre deu apoio, só uma mais nova que no começo ficava meio assim com pouco de preconceito fazendo piadinha essas coisas mais hoje em dia ela me respeita bem também. Os parentes mais próximos, tios também nunca deram tipo assim opinião da minha vida sempre me respeitou bem, sinto falta...(pausa) ai eu acho que sinto falta mais é da infância quando eu não tinha preocupar em ter que pagar conta pagar aluguel fazer despesa de casa essas coisas, que eu acho que quando a

gente é criança né tudo é diversão festa mesmo. Mudei bem a minha vida, mudei meu jeito de ver a vida, eu sai de casa por opção própria porque eu queria um pouco mais de liberdade dentro da minha casa né, eu queria levar quem eu quisesse, apesar que minha mãe sempre recebeu meus amigos bem, minha mãe não tem preconceito nenhum, é... qualquer amiga minha travesti, transexual, lésbica que for lá em casa ela recebe ela bem, nunca teve problema eu que sai por opção minha porque tem certa hora na minha vida que gosto de ter o meu momento, o meu espaço sozinho, entendeu? Ai eu gosto de morar sozinho por causa disso. Violência eu já sofri só na rua mesmo, dentro de casa eu nunca sofri, é... na época eu até tentei me defender né, mais por ele ser homem né pelo fato dele ser homem foi mais complicado, é.... eu acho que depois que eu me assumi pra minha família, eu tive tipo assim eu tive mais, mais respeito eu acho do que antes ele me veram me viu como uma pessoa mais forte entendeu? A minha mãe ela acho que ela me admira muito pela pessoa que eu sou que eu me tornei, apesar de todos os problemas que eu passo e família pra mim é tudo como eu te disse pra mim é eu tenho planos de ir embora e tal e eu já não vou por causa disso, porque eu gosto de ficar ali perto acompanhar tudo todos os problemas que tem pra poder ajudar no que for possível e é isso. Como você vê as oportunidades oferecidas?.. Ah isso aqui é complicado porque a gente imaginar como vai ser a vida de uma transexual mais velha é difícil, mas meus planos é ir embora conseguir juntar dinheiro comprar uma casinha um carro e abrir algum negócio pra mim, é isso que eu tento quero viver pra mim, não tenho vontade de ser rica, igual tem muitas que vai e sabe, e meu sonho é igual é te falei consegui um dinheiro um pra ter ter uma renda pra poder tirar dinheiro na velhice e continuar viver uma vida normal como sempre vivi ao lado da minha família que são pessoas que gostam de mim de verdade e continuar a viver como uma pessoa normal.

- Daniela

Identificação do sujeito de estudo, nome Daniela, idade 32, local e data de nascimento, local de nascimento Patos de Minas, data de nascimento 01/11/85, é... profissão atual depiladora, maquiadora, cabeleireira enfim estética, profissões anteriores já trabalhei em padaria, já trabalhei pra política, já trabalhei em muitas coisas ligada nesse ramo, estado civil solteiro, é ... história de infância adolescência e sexualidade, qual a história do nascimento pode... (pausa), quando a minha mãe ficou grávida de mim ela soube que a gestação era diferente da do meu irmão, a barriga cresceu mais a do meu irmão

a barriga mais foi menor, mais discreta, ela na época não fez um uma ultrassonografia, e ela não sabia o sexo e ela pensava que seria uma menina e logo veio eu, uma menina, mais diferente (risos), mais enfim deu tudo certo, é o que importa. É... onde eu morava era muito bom, era uma cidade pequena bem receptiva, e todo mundo lá me tratava com respeito e eu nunca me senti mau tratada de forma nenhuma, tive uma infância muito boa, sem sexualidade apenas com amizade. A minha casa sempre foi muito boa, teve sempre tive quarto separados, meus irmãos, meus pais, uma casa bem estruturada com quintal, sempre tive animais de estimação, então uma casa muito bem estruturada, nunca tive o que reclamar, vestia bem, comia bem, é... na minha infância ela foi muito prolongada não sei se é por causa de querer evitar a sexualidade pra mim não ter que escolher alguma coisa, eu prolonguei o máximo acho que até os 17 -18 anos eu ainda era muito criança, então isso me fez ter mais tempo de pensar no que eu queria mesmo do que eu poderia, minhas possibilidades, pra mim não errar também, apesar que nesse lance de sexualidade não tem erro, você tem experiências, e experiências boas você fica com elas e as ruins você descarta, então minha infância foi bem prolongada, sempre brinquei muito e nunca tive problema com isso. Meus pais sempre foram muito rígidos comigo mais, ou mesmo tempo sempre muito super protetores e tudo e isso me ajudou a ser um ser humano melhor, eu na época eu achava ruim, hoje em dia eu agradeço a eles, as minhas amizades de infância tenho até hoje, nunca tive problema com amizade, sempre tive muita facilidade em fazer amizade, apesar de ser uma pessoa entre aspas difícil de se mexer, mais eu sempre tive facilidade. No colégio foi quando eu tive minha primeira paixão, platônica, vamos dizer assim, e eu descobrir realmente que eu gostava de homens, mais uma coisa bem sigilosa e discreta, era uma paixão bem escondida, mais foi muito boa (risos). Eu na época de escola a coisa mais marcante foi a descoberta do esporte, eu tenho um esporte hoje até hoje na minha vida e pretendo ter até mesmo na minha velhice, eu jogo vôlei e pretendo continuar jogando até quando eu puder.(pausa). Eu sempre senti que eu era diferente eu nunca tive a intenção de ser uma pessoa entre aspas normal, entrar num padrão, homem casa com mulher que tem filhos e família, eu sabia que eu ia ter uma dificuldade pra isso, porque a minha escolha seria diferente da dos outros e cada escolha tem suas conseqüências, e eu sabia que conseqüências minha seria diferente da usual, (pausa), a minha transição foi complicada mais ou mesmo tempo necessária, como a borboleta, como a larva aaaaa, a lagarta fica no casulo e depois vira borboleta, assim

também é uma transição, a gente primeiro se enclausura entende? Tem o momento só da gente, transforma fisicamente e assim a gente vai se adaptando ao mundo, com essa nova forma, (pausa) eu tive amigos que me apoiaram minha família também me apoiou, apesar de que de início foi um pouco é... complicado mais eles perceberam que essa sou eu, e eu não ia mudar mudar é... psicologicamente ia mudar só fisicamente e eles perceberam que eu não deixei de ter educação e toda a formação que eles me deram, mais sim só fisicamente, era uma uma uma necessidade minha e eles compreenderam isso, ai... eu mudei totalmente, homem e mulher são opostos, cê muda roupa, muda higiene, é... forma de se alimentar, forma de de se vestir, é... você deixa cabelo crescer, a vaidade é bem maior feminina do que uma masculina, maquiagem, enfim tem o tratamento hormonal também que te deixa muito feminina então isso é... muda bastante.(pausa), na verdade eu não tive uma grande oportunidade pra ta falando com minha família, na verdade eles descobriram através de uma suposta amiga minha, assim meu pai chegou nim mim, me perguntando se era verdade e eu de prontamente respondi que sim, era um momento de decisão onde meu pai me aceitaria ou me expulsaria de casa, e ele simplesmente me aceitou, como eu sou agradecida a ele por isso, a relação com meu pai e com minha família inteira sempre foi muito boa, foi difícil porque eu mudei de nome, mudei de estilo, eu mudei de, eu mudei fisicamente, mais assim que eles perceberam que essa era eu mesma eles me respeitaram e prontamente me chamaram de Daniela e nunca mais deixaram de me chamar assim, meus pais, meus irmãos, eles são super protetores comigo, porque eles sabem muito bem que tem muito discurso de ódio e muito agressão a pessoas desse tipo que eu sou e infelizmente eles (in)felizmente na verdade né, eles estão ali pra mim apoiar seja fisicamente ou verbalmente falando, meus parente próximos me amam, me chamam pra eventos sempre que podem e eu vou sempre que posso mantenho uma relação muito próxima, com meus primos, filhos de primos, tias, todo mundo eu não tenho nada a reclamar com família. Bom a minha família em relação a minha família eu me sinto muita falta das coisas que eu vivia antes com agora não porque na verdade continua a mesma coisa então não mudou muita coisa, só que eu sou adulto hoje em dia e me respeitam como tal, antes eu era criança agora adulta (pausa) a minha vida mudou no sentido de assim eu (pausa) pra sair a gente usa roupas diferentes e tudo chama a atenção de pessoas diferentes atrai e também atrai muitas coisas boas e ruins porque as pessoas infelizmente hoje em dia são muito ignorantes, umas de respeitam outras te xingam e a vida, vida que se segue, eu eu

me defendo das pessoas que me xingam e as pessoas que me elogiam eu agradeço nada mais a declarar sobre isso.(pausa) nunca tive que sair de casa, minha família sempre me acolheu então, eu nunca passei por isso, eu creio que só vou sair de casa pra mim casar ou se for pra mim jogar no exterior, que seja profissionalmente ou que seja amorosamente, mais em relação a outras coisas nunca vou ter que sair de casa não. Violência eu já sof, já tive algum tipo de violência verbal na rua mais sempre soube me defender, algumas eu relevei e outras eu me defendi as que eu achei é... prudente de fazer isso, eu já tive possibilidades de me defender sim, já fiz ocorrências policiais quando me senti muito ofendida e fora isso na verdade eu nun eu sou muito de relevar as coisas, eu acho que rancor, raiva só faz só faz mau pra quem tem e eu não quero ter isso pra mim, (pausa) a minha família continua a mesma, me respeitando, crescendo, procurando o meu melhor e o melhor pra eles também então tipo a minha família é o meu apoio total, seu eu sou hoje um ser humano ótimo é por causa da minha família e dos meus amigos (pausa longa) bom sobre emprego é uma dificuldade tremenda, a única porta que está realmente aberta e você ser autônoma e trabalhando na área de estética porque você é bem quista e você pode tá trabalhando e ganhar ter uma renda satisfatória, porque trabalhar pras pessoas infelizmente você ganha muito pouco e trabalhando pra você, você já tem uma renda melhor, eu daqui à 10 anos (risos) eu não sei, eu já quero ter minha casa, ter meu marido obvio, e quem sabe um filho porque 10 anos de casamento eu imagino que já, já dá pra can, curtir bastante o casamento e ter filhos e ter essas responsabilidades, porque filho pra mim é ter responsabilidade mesmo eu estando com meu marido e tudo eu sei que a gente vai ter que abrir mão de muita coisa sabe? Educação, criação é muito difícil, eu levo a sério a isso, então eu penso que daqui a 10 anos que é quando eu vou ta pensando em adotar um filho se eu for adotar mais eu eu e meu marido já ta muito bom, e é claro já ter realizado meu sonho obvio né, meu sonho é ser jogadora de vôlei profissional, hoje em dia tenho possibilidade de ta jogando vôlei feminino que eu onde eu vou ter capacidade de de ter uma alto nível pra jogar, porque infelizmente vôlei masculino eu não tenho esse nível porque o nível de masculino tem muita potencia e hoje em dia eu sou praticamente uma mulher num tem como eu competir com um homem somente com mulheres.

(Risos) Meu nome é Laysla, eu tenho 23 anos, nasci em Patos de Minas 07/03/1994, minha profissão atual, eu sou arrematadeira, eu mexo no ramo de confecção de roupa, já trabalhei como éh.... auxiliar de lavanderia, já fui copeira, meu estado civil atualmente é (pausa) união estável, só amigada, (pausa) próximo né? Qual historia do nascimento: então minha mãe me conta que quando ela começou a ter as contrações do meu nascimento a gente tava em Uberlândia, ela voltou pra Patos só pra ter a minha gravidez aqui mesmo, a gestação no caso, Onde morava quando criança? Eu morei aqui AA minha adolescência toda até a infância aqui em Patos. E como era a Casa? A casa era no mesmo lote que dos meus familiares, tinha meu tio, minha tia, éhh de família. O que você fazia na infância? (pausa)sobre? Ahhh eu já fiz PROERD, eu estudava, eu fazia AABB, já fiz Cristavo, Como era a relação com os pais? Eu era uma criança normal até dos 8, 9 anos pra 10 eu era muito normal, eu era uma criança mais afeminada, éh.. mais eu era muito na minha, até 12 eu era estudiosa, freqüentava muito a escola, fazia curso, me envolvia muito com projeto que ajudava pessoa, E as amizades? Então desde quando eu era criança, as minhas amizades era mais com meninas, eu me enturmava mais com meninas. Como era no colégio? Era bom, eu me enturmava mais com as meninas, não tinha muita influencia com os meninos, não gostava da aproximação muitos com meninos pro eu ser meia afeminada, os meu coleguinhas de escola me tratava diferente, as vezes zombavam da minha afeminação. Um acontecimento marcante nessa época? O que mais me marcou nessa época que quando eu comecei a ficar mais afeminado, as pessoas perceber que eu era mais afeminada, as pessoas começavam a me debochar, a zombar, falar que eu era bichinha, viadinho e isso me fez um pouco ter medo de ir pra escola, que os colegas de escola começava a tacar bolinhas de papel, a ficar usar palavras que me ofendia, e isso me afastou um pouco da escola. Em que momento foi percebido que algo se passava? (pausa) em qual sentido? (eu: que vc era diferente) que eu era diferente? Foi a partir do momento que eu me apegava mais a coisa femininas, eu já queria deixar meu cabelo crescer de ladinho, eu antigamente usava um tic-tac de florzinha assim do lado, eu ficava juntamente mais com as meninas, eu deixava de fazer atividades masculina como futebol pra jogar vôlei, queimada. Como você define esse algo? (ajuda) Então essa coisa, esse algo foi com o tempo, eu não consegui entender na minha adolescência o que eu era, por mais que eu estava afeminada, que minha voz não engrossava, eu ficava afeminada, mais eu não entendia o que eu realmente era, eu apenas cresci com os trejeitos meio afeminado,

mais até o momento assim de criança eu não entendia muito o que era. Passar por esse momento foi confuso foi um pouco constrangedor, que eu sofri muito bullying, as pessoas debochavam muito de mim, meus coleguinhas ficavam me agredindo fisicamente as vezes, que eles faziam aqueles corredor, chamava de bicha, jogava bola de papel. Se alguém me apoio? Não eu passei um pouco esse essa fase de criança um pouco da adolescente escondendo, eu não queria que ninguém soubesse, mais as pessoas percebiam, só que eu não assumia, eu reprimia, eu não falava pra ninguém, as primeira mudanças foi que eu comecei a deixar o cabelim crescer, apesar que meu pai não gostava muito, ele fazia eu cortar o cabelo, mas sempre que eu tinha oportunidade eu deixava crescer, ai com o tempo eu comecei a ficar de frente o espelho passando batom escondido, a colocar lenço na cabeça a fazer coisas femininas ai um dia meu pai viu isso jogou minha coisinha de menina tudo fora (pausa) e me deu até uma surra pra mim mudar o comportamento, mais a partir depois disso eu não mudei continuei fazendo esses atos escondidos mais eu não mudei. (pausa) Como é o esse trabalho na rua? Eu por necessidade, por crise mesmo de não conseguir um emprego antes, já anteriormente na adolescência, na fase de criança já vendi picolé, já catei latinha pro meu pai, já vendi pipoca mais já teve um momento que entre minha começando a sair da fase da adolescência já pra jovem de 17 pra 18 eu não conseguia trabalho por ser muito afeminada foi a fase que eu comecei a já a transição pra trans, e uma vez eu recebi uma oportunidade de dinheiro eu não conseguia ter uma fonte de renda (pausa) eu aceitei por não ter condições, estar na rua foi muito ruim, submeter a prostituição por dinheiro (pausa) éh... (pausa) éh simplesmente por estar na rua dependendo dos outros pra ter dinheiro é o humilhante é um sacrifício, é uma coisa que eu considerava temporário até eu conseguir mudar o quadro de vida estabilizar e consegui outro meio de ganhar dinheiro, antes eu deseja muito mudar de vida, eu gostaria mesmo mudar de vida, eu até juntei dinheiro comecei a buscar influencias, amigos que pudesse me ajudar a conquistar um emprego, Se eu já sofri algum tipo de violência? Já... verbal, física mas eu simplesmente ignoro, porque a ação da gente as vezes gera reação, eu acho que se a gente se comportar bem a gente consegue passar pra sociedade que a gente é uma pessoa normal (pausa) quando a gente sofre algum tipo de violência a gente não tem muito a quem recorrer, justamente por não ter algum suporte que defenda nós como trans, não temos, vamos supor se uma pessoa te agredir, vamos supor um homem te agride, você chama a policia, não é mesma coisa de uma homem tiver

agredindo uma mulher, a gente não tem proteção da lei, é como se fosse uma briga normal, é um boletim de ocorrência ali, e um processo que você pode fazer mais não tem uma assistência maior, então não conseguir receber o tipo de ajuda que eu precisava, E sua família o que sabe sobre sua vida na rua? Então umas coisas aqui que não se enquadra porque é veio muito pra trás, mais eu acho que é assim ó, as coisas que enquadra família começa bem antes, eu acho que um pouco que eu passei com prostituição e rua foi por falta de suporte da família, que eu não tive, porque eu acho que quando uma pessoa tem uma família mais estabilizada um apoio, eu não digo que me apoiasse a ser trans mais que me apoiasse incentivar a continuar a estudando apesar do preconceito que eu sofri, porque o que me fez afastar foi o preconceito, a chacota, as coisas, eu acho que se eu tivesse uma boa estrutura familiar eu não to culpando nem vitimizando, mais eu acho que se eu tivesse um pouco mais de estrutura familiar as vezes eu poderia estar mais além, ter continuado com os estudos, não ter abandonado a escola não me prostituir, tivesse uma boa formação escolar profissional, droga não mais já bebi, já fumei, mais atualmente beber só socialmente como uma coisa normal, o ambiente da rua propicia o uso? Sim, ainda mais quando a pessoa sofre violência, tem algum tipo de relacionamento que não deu certo, a pessoa já está abalada por ta afastada da família, as vezes que é expulso de casa, as vezes ta em casa de prostituição, ta viajando por outras cidades, tipo pra conseguir ganhar seu dinheiro é muito propicio, geralmente onde tem prostituição tem droga, tem usuários, é bastante propicio. Te deram alternativa pra mudar de vida? Não, na rua não tem alternativa, infelizmente se você não for cabeça, não encarar aquilo como um momento momentâneo pra você conseguir um dinheiro pra sair dali, não tem jeito, porque hoje em dia tem muitas trans quer viaja é coloca a prostituição como um estilo de vida junta um dinheiro, constrói uma vida, constrói um comercio, consegue comprar uma casa, mais isso não no Brasil, no Brasil a inflação, as coisas é muito difícil, Como são as relações de amizade criadas na rua? Então, geralmente é mais colega, é aquele tipo de pessoa que se vê mais sempre ta trocando de cidade em busca de trabalho, é uma coisa assim que não é muito amizade é mais coleguismo, aquela coisa que você vê e é passageira, Como contou para a família? Sobre contar, não foi muito bem contar porque era muito perceptivo, a gente quando ta criança mais afeminada, as pessoas percebe, as vezes não aceita mais percebe. Qual foi a reação? Minha mãe quando ela começou a perceber que eu realmente cheguei nela e falei Mãe eu acho que eu vou ser travestir que eu sou gay, ela falou que já sabia mais que

não aprovava que não achava que ia ser bom pra mim, ela achava que eu ia ficar na prostituição que eu ia usar, porque geralmente as pessoas não aceita por causa do medo, porque geralmente quem é travesti o que caminha que sempre empurra a gente é a prostituição é a droga, não tem estudo, porque hoje em dia as coisas mudou um pouco, as trans estão estudando, tão fazendo faculdade mais tem umas que quando não tem oportunidade infelizmente cai na prostituição quando a família não aceita, expulsa de casa, Ela não aceitou mais também ela não foi muito como posso dizer, ela não foi muito rígida, mais ela não aceitou de imediato. Meu pai já não aceitou, não gostou e nesse meio que comecei minha transição de trans, minha mãe separou do meu pai, minha mãe hoje vive com meu padrasto, eles são separados, e de 15 anos pra cá, não, aos meus 15 anos que minha mãe separou do meu pai, eu já tenho 23, de 15 a 18 foi minha transição, que eu lembro que minha mãe separou do meu pai e fui morar com minha mãe, não fiquei com meu pai, ai minha mãe conheceu meu padrasto foi morar com ele, e nesse meio tempo foi onde eu fiz minha transição, nesse meio tempo de 15 pra 18, na hora que eu interei meus 18 eu não tinha oportunidade de emprego eu não tinha opção de nada eu acabei procurando meios de viajar pra conseguir dinheiro. E os pais e irmãos se tiver? Então meu pai e minha mãe não aceitaram bem mais, meu pai não aceitou e nem gostou no inicio, minha mãe não gostou não aceitou, mais não se impôs tanto, meu irmão é afastado é casado e tudo, meu irmão aceitou, só me aconselhou a não se envolver com coisas erradas e tudo, e os parentes mais próximos? Eu sinto que quando eu comecei a me transformar a pessoas se afastaram de mim porque não era o que elas queriam, e a partir do momento que eu não fiz a vontade das pessoas elas simplesmente se afastaram de mim quanto tio quanto amigos heteros, como em si os meus parentes mais próximos. Sente falta de alguma coisa? Olha na verdade eu não sinto muita falta da minha infância não porque eu era muito ingênua, eu não sabia lidar com essa situação eu não tinha quem me aconselhar, eu não tinha quem a recorrer, eu era muito vulnerável, muito isso vulnerável. Teve que mudar de vida? (pausa) em qual sentido, não eu justamente eu não mudei de vida, mais depois que eu consegui minha independência ficou mais aflorado o que eu era, deixei de esconder e comecei a fazer tudo o que eu queria. Teve que sair de casa? Tive tive que sair de casa a convivência com meus pais não foi boa é era cobrança pra voltar a ser hetero, não me aceitavam do jeito que eu era, inclusive eu tive que me descolar de Patos onde eu nasci pra ir pra Belo Horizonte em busca de emprego alguma mudança de vida, aonde eu fui casada 3

anos, trabalhei lá também. Dentro da minha família eu tive um primo que me agrediu, mais não foi justamente por causa da dessa coisa. Teve oportunidade de se defender? Igual eu já falei pra policia negocio a gente não é nada, é fazer uma ocorrência e pronto xau. Para você existe um significado diferente do que é família antes e depois da revelação? A existe porque eu acho que antes da família, a família te dá mais proteção, te dá mais carinho te dá mais apoio, ela te trata diferente mais a partir do momento que a família descobre que você, não tou generalizando falando que todas são assim, mais a partir do momento que elas descobrem que você não vai ser o que ela quer, porque toda mãe todo pai quer que o filho seja homem e tenha um emprego dos sonhos e tudo, a partir do momento que eles sentem ameaçado essa vontade eles tendem a negar as coisas, a falar não, a fechar a cara, ficar de mau, e isso infelizmente no momento que a gente ta mais precisando a gente fica frágil, a gente fica sem chão. E o que é família agora pra você? Depois que passou muito tempo que eu consegui me estabilizar, arrumar um emprego, a ter minha situação financeira que eu sai de casa, que eu sai da prostituição arrumei um emprego, a minha família me vê de um modo diferente, que apesar de tudo que eles não queriam eles viram que eu me di por vencida, consegui estabilizar minha vida, passar por cima disso, eles conseguiu ver que independente da minha identidade sexual, gênero, eu pude trabalhar, conseguir as coisas, eles aceitam mais, e por eu ser mais independente agora não tem cobrança, eu não tenho que dar satisfação. Como você vê as oportunidades oferecidas para se profissionalizar e mesmo a de trabalho elas existem? Olha as oportunidades de trabalho pra nos que é trans existe, existe quando você é muito bem qualificada e tem uma indicação, se você tem indicação vamos supor se você tem alguém que é algum funcionário importante na empresa, se você conseguir indicação, a gente consegue, a trans que corre atrás consegue não vou dizer que não consegue, mais a trans tem que ter um pouco de maturidade, que eu mesmo quando já fui mais jovem, meu primeiro emprego, eu fui um pouco imatura, eu não tive muita maturidade, não estabilizei no emprego, portanto eu morava em BH eu não consegui ficar lá, eu tive que voltar pra Patos, onde eu já, eu já sai de 3 empregos, atualmente eu to 8 meses em um, onde eu estabilizei, não penso em sair de forma nenhuma, faz uns 2 anos meio que voltei pra Patos estabilizei a minha vida foi aqui, igual eu tava dizendo existe mais as trans não sei se é no momento assim que elas estão passando por essa transição algumas por não ter apoio, por não ter com quem conversar acaba perdendo algumas oportunidades, por ta, porque a cabeça quando

a gente ta em transição fica outra coisa. Como você se vê daqui a 10 anos? Com a minha maturidade que eu tenho hoje por tudo que eu já passei, eu me vejo estável, tranqüila, trabalhando, com meu esposo, e é isso, o meu esposo tem filha, a gente pode pegar ela, se gente quiser a guarda compartilhada, entre a mãe e a gente num tem é briga, a gente é tudo combinado, até então eu acho que ta tudo ok. Qual meu sonho? Meu sonho era estabilizar muito minha vida, ter meu veículo, ter meu emprego, é minha moto comprei tirei carteira, arrumei meu emprego, o meu sonho mesmo quando eu era adolescente, era ser ter estabilidade, porque quando você tem estabilidade você começa a não depender das pessoas, a ficar mais firme no seu taco, e meu sonho é ter a casa própria, pra não ter que pagar aluguel que eu acho que me daria mais independência. O que acho que na vida de uma trans o que é fundamental é a família, porque a família, porque a família é a base de tudo, a família é como se fosse o ferros de uma viga de uma construção, é durante a transição de uma trans, quando ela não tem aceitação da família ou o apoio de alguém próximo da família, ela fica um pouco transtornada ela fica sem muito sentido, ela não sabe pra onde ela tem que ir, é eu acho que a família é a base de tudo se toda trans tivesse o apoio o aconselhamento da família pra prosseguir os estudos, pra apesar da diferença de gênero, ela consegui formar, consegui uma boa carreira profissional, muitas delas não iriam pra prostituição, muitas delas não passariam preconceito, eu também acho que um pouco de preconceito é da maneira como algumas agem, porque é assim não é porque eu sou trans que eu tenho que sair debochando, falando vocabulário muito pesado, usando roupa muito curta atraindo atenções indesejadas, porque se você quer respeito você tem que se dá o respeito também, a maneira como a gente age as vezes muda muita coisa, eu em si não sofri muito preconceito, na rua após minha transição que eu virei trans, que eu dei uma amadurecida, eu não sofri muito tipo de chacota, preconceito, porque a forma de agir a imagem que eu represento a sociedade, as pessoas me vê como realmente uma mulher, quem me conhece hoje em dia, me respeita pelo o que eu sou, por ter me estabilizado ter arrumado um trabalho, é ter saído da prostituição, as pessoas me respeitam, aqui no meu bairro os conhecidos, familiares todo mundo me respeito, meus vizinhos me chamam pelo nome feminino, as pessoas todas me respeitam pelo que consegui pela minha maturidade pelo, mais a minha maturidade não veio da minha família foi do sofrimento que eu já passei em rua, das dificuldades que eu passei, eu acabei amadurecendo sozinha, eu tive cabeça pra sair da prostituição, pra arrumar um trabalho, foi o que me

levantou que foi fundamental. Eu acho que quando a gente ta em transição o fundamental mesmo pesa mesmo é a família, porque quando a família vem com brutalidade, “a não isso é uma pouco vergonha, eu não vou aceitar o meu filho gay”, ai já começa a reprimir, você fica sem chão, não sabe o que fazer, você é criança quase , se ta tudo embaralhado, você fica assim perdido, muitas fogem de casa vai pra prostituição, a primeira porque homem as vezes aproveita, a adolescente desesperada ali, o homem aproveita as vezes, é onde as vezes muita trans sofre violência com o marido, vai morar junto com o marido sofre violência, as vezes depois tem umas que, é sério, tem umas que se apaixonam tanto por seu parceiro, porque ela se apega muito, porque não teve apoio da família, e depois que larga algumas não superam, algumas vão pras drogas, algumas suicidam, é uma coisa séria.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Morgana Moura Chagas

Rua Marcelino de Souza, 337 – Alto Limoeiro – Patos de Minas – MG – CEP: 38703-864.

Telefone de contato: (34)9 9696-6316

E-mail: morganamoura@hotmail.com

Autor Orientador:

Gilmar Antoniassi Junior

Rua Major Gote, 1901 – Centro – Campus Shopping/ 2º andar – Patos de Minas – MG – CEP: 38700-001.

Telefone de Contato Contatos: Tel. (34)3818-2350

E-mail: jrantoniassi@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

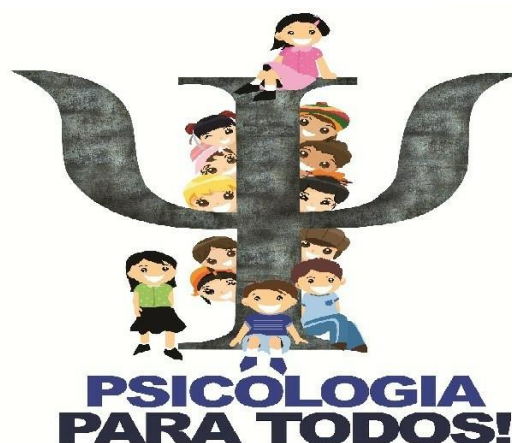
Patos de Minas, 25 de junho de 2018

Morgana Moura Chagas

Gilmar Antoniassi Junior



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n°. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)